

COEXISTIR COM OS VIZINHOS PELA PAZ E PROSPERIDADE DE TODOS

Por Maria de Lourdes Torcato e Arlindo Lopes, fotos de A. Marrengula e Carlos Alberto

UMA VIAGEM

Uma viagem de duas horas no comboio da Paz, de Maputo a Ressano Garcia, levou 350 convidados e 120 Jornalistas para o local histórico do Acordo do Nkomati. Naturalmente, além dos convidados e gente da imprensa iam também pessoas ligadas ao apoio que uma cerimónia desta amplitude sempre exige.

Foi uma viagem marcada pela excitação, o nervosismo, a expectativa, bem diferente da euforia do regresso.

Pelo caminho, grupos de pessoas juntavam-se para saudar os viajantes, cantando e acenando. O povo quer a Paz, deseja-a profundamente e saúda-a. E isso foi claro desde o princípio, foi claro para alguns correspondentes estrangeiros há pouco no nosso país e ainda não familiarizados com a nossa realidade. O comboio foi o mesmo de sempre: aquele que transporta operários moçambicanos, ou residentes, para a vila fronteiriça de Ressano Garcia. Está velho e muito gasto, mas limpo. E o pessoal dos CFM viveu também a «viagem da Paz».

UM LUGAR HISTÓRICO

Ressano Garcia, a vila, recebeu-nos à maneira bem moçambicana, com danças e cantos. E sobretudo com uma Estação limpa, arranjada, pintada de fresco, airosa e agradável como toda a vila. Os seus habitantes honraram este acto histórico e assumiram a sua dimensão, trabalhando arduamente para que Ressano Garcia estivesse à altura de lugar histórico que a partir de ontem passou a ser.

No terreno que é parte do vale do Nkomati, entre a via férrea e o rio e com a cordilheira verde dos Libombos por fundo, uma cidadela provisória foi montada em poucos dias.

A construção central era um estrado berto, pequeno pavilhão em madeira pintada de branco, com uma mesa e quatro cadeiras, ornamentado com simplicidade, mas muito bonito, realmente belo no meio da paisagem agreste. Na mesa, no

meio da qual passava simbolicamente a linha da fronteira, sentaram-se os dois dirigentes — o Presidente Samora Machel da República Popular de Moçambique e o Primeiro-Ministro da África do Sul, Pieter W. Botha. Atrás, os respectivos Ministros dos Negócios Estrangeiros, Joaquim Chissano e Roelof Botha.

Em frente, erguiam-se três Tribunas com lugares sentados e cobertas com placas verdes translúcidas. Na tribuna central, mais pequena e em frente ao pavilhão da Assinatura, estavam os convidados de honra, tendo ao centro o Primeiro-Ministro do Reino da Swazilândia, seguido da Esposa do Presidente da República e da Esposa do Primeiro-Ministro Sul-Africano. Do lado direito e na primeira fila podia ver-se também o Membro do Bureau Político e Secretário da Assembleia Popular, Marcelino dos Santos dando a sua direita ao Ministro Português Almeida Santos.

SOLEINIDADE E PROTOCOLO

O Protocolo eficiente, a pontualidade, e o cerimonial dominaram todo o acto. Foi a ponderação e a solenidade de cada passo, mais do que a emotividade ou a espontaneidade, que caracterizaram esta cerimónia. A gravidade e a importância histórica do acontecimento exigiam-no e foram respeitadas por ambos os lados. E se nós, moçambicanos, temos mais o gosto da festa e da alegria que o protocolo dificilmente contém, desta vez fizemos um esforço por nos acomodar-nos ao tom dominante. Houve mais aplausos do nosso lado, apesar de tudo. Porque os convidados dum lado e doutro, tinham cada um sua tribuna, de ambos os lados da linha da fronteira.

Só os jornalistas e os fotógrafos se misturaram, se acotovellaram disputando com firmeza e às vezes com agressividade face à segurança, os melhores lugares para fazer a cobertura. Mas isso é normal, é do ofício.

UMA PARADA MILITAR DIFERENTE

Uma parada militar entrou para ocupar a rectaguarda do Pavilhão da Assinatura do Acordo. Noventa e seis soldados e mais uma banda militar, de cada país, alinharam de ambos os lados da linha de fronteira. Tocaram os respectivos hinos e mantiveram-se nas suas posições. A sua presença teve o espectacular efeito de ser o símbolo não da guerra mas da Paz. Assim os viu a multidão. Duas soberanias lado a lado, não em conflito, mas em respeito mútuo.

Fim do acto central da cerimónia, a assinatura do Acordo de Paz e Boa Vizinhança e a leitura dos discursos dos respectivos dirigentes, foi feita a habitual revista às tropas. A cerimónia terminara.

Os dois dirigentes encaminharam-se então para a Tribuna central onde foram buscar as suas esposas para se encaminharem para a enorme tenda onde se servia o almoço.

UM SERVIÇO EFICIENTE COM SOLDADOS PELA PAZ

Havia tendas montadas para todos os fins necessários: salas de jantar e bares, casas de banho e serviços médicos, apoio à imprensa, etc. Mesmo para nós que lá permanecemos várias horas e procurámos ver tudo, muita coisa nos escapou.

É preciso recordar que o local abrigou mais de mil pessoas, não contando com todo o pessoal de apoio que ia desde segurança a serventes de cozinha e restaurante. Lá vimos os nossos mariscos e a nossa cerveja, mas também o vinho da África do Sul: O almoço que nos foi

servido, a nós gente da imprensa, foi simples mas bem confeccionado e, sobretudo, servido com extrema eficiência e simpatia. À margem da refeição, muita gente comentou a solicitude e afabilidade dos jovens soldados sul-africanos que estavam de serviço ao bar e restaurante. Foram realmente soldados de paz ao serviço da cortesia que deve existir entre bons vizinhos.

Aliás os exércitos dos dois países tiveram oportunidade de conviver para lá das cerimónias oficiais: uma vez na véspera do dia 16, após o ensaio geral do acto solene, em que mutuamente admiraram as respectivas armas e fardas e beberam juntos coca-cola... Outra, após a Assinatura do Acordo e a revista às tropas, em que novamente conviveram em espírito de Paz e se fizeram fotografar em conjunto.

ESTAMOS DE BOA-FÉ, À VONTADE E SEM COMPLEXOS

Entrevistado por jornalistas, um Brigadeiro, das FPLM uma das figuras militares proeminentes na Parada, dizia:

— Aquilo que os nossos líderes assinaram, nós o seguiremos e materializaremos.

E quando o jornalista insistiu perguntando se o exército moçambicano queria mesmo a Paz, ele disse com toda a franqueza:

— Nenhum homem gosta de morrer antes de chegar a sua hora.

Uma coisa é certa: assinámos um Acordo de Não-Agressão com o regime sul-africano, com o actual poder político sul-africano. Mas mais do que as assinaturas e os Acordos oficiais entre Estados e Governos, são os povos que querem e materializam a Paz. E no povo moçambicano e sul-africano ali presente, das crianças aos soldados, havia fé e esperança na Paz e na Boa-Vizinhança.

Nenhum homem gosta de morrer antes de ver chegada a sua hora; nenhum pai, nenhuma mãe, nenhuma esposa ou irmã deseja perder àqueles que ama no pior flagelo da humanidade: a guerra. E as mães e pais sul-africanos que estiveram representados na cerimónia do Nkomati, sentem-no tanto como nós.

Esperamos que cada povo por seu lado nos empenhemos em não des-

truir ou forçar pela violência, aquilo que só a paz consegue. Nós moçambicanos, demonstrámos bem neste convívio, que estamos de boa-fé, à vontade e sem complexos de nenhuma espécie, junto dos nossos vizinhos.

A CRIANÇA E O AUTÓGRAFO

A assinatura do Acordo de Nkomati e outras cerimónias oficiais já tinham sido realizadas. Nas tendas-restaurantes decorria ainda o almoço. O convívio continuava em todo o recinto da fronteira comum entre Moçambique e África do Sul, preparado para o acontecimento.

Numa das tendas que serviam de bar, entre outras pessoas, soldados sul-africanos com uniforme castanho-ruivo tomavam também bebidas refrescantes. Eis que, espontaneamente, um grupo de crianças, com as suas saias ou calças azuis, camisa ou blusa branca e lençinho vermelho ao pescoço, se aproxima dos militares. Uma delas apresenta-lhes sem cerimónia a contra-capta do próprio Programa de Assinatura do Acordo e pede... um autógrafo. O soldado que recebe a brochura hesita, breves instantes, sorri para as crianças e assina o livro. Os seus companheiros seguem-lhe, depois, o exemplo.

Foi um momento breve, discreto, fora do programa mas que não pode passar despercebido a todos quantos o presenciaram. Fica com mais um símbolo do anseio de paz, comum aos nossos dois povos, da nossa vontade de promover a estabilidade para construirmos o progresso e o bem-estar para as novas gerações.

RENOVAR DE ESPERANÇA

Entre os moçambicanos presentes à cerimónia de Assinatura do Acordo de Nkomati, como convidados, a emoção era muito grande. Não foi necessário pedir silêncio no momento solene. Perto do meio-dia os olhos e corações de todos estavam como que parados, presos ao palanque rectangular, no meio do recinto. A tensão verdadeiramente dita durava há pelo menos hora e meia, desde que se iniciara o encontro entre o Presidente Samora Machel e o Primeiro-Ministro Pieter Botha, na carruagem branca parada sobre a linha de fronteira.

Mas quando, após o breve acto de assinatura, os dois estadistas se

levantaram para a troca dos documentos, os corpos e vozes saltaram-se: Palmas e «Mkulungwanes» vibraram na tribuna dos moçambicanos, durante alguns minutos. Continuadores, com traje colorido, agitavam flores. Mulheres da OMM, jovens, com o uniforme vermelho e azul-escuro da OJM ensaiaram alguns requebros de dança...

É uma emoção que começara bastante cedo, quando o comboio que transportava os convidados moçambicanos e estrangeiros e o corpo diplomático acreditado no nosso País se preparava para deixar a estação central dos Caminhos de Ferro, em Maputo. Os grupos que representavam as organizações democráticas de massas cantaram e dançaram no interior como no exterior das carruagens.

Numerosas pessoas concentradas nos principais apeadeiros, ao longo dos 88 quilómetros da linha férrea, entre a Capital e Ressano Garcia, associaram-se aos viajantes, manifestando a sua alegria através de palmas, danças, Mkulungwanes e dísticos.

Era, no dizer de um dos convidados, como se festejássemos uma segunda libertação, como aquela que vivemos aquando da assinatura dos Acordos de Lusaka, há dez anos.